

Hélio de Souza Oliveira

A photograph of a man with white hair, wearing a light-colored striped short-sleeved shirt and light-colored trousers, walking away from the camera on a wide, reddish-brown dirt path. The path leads up a slight hill. The background features a line of green trees and a blue sky with scattered white clouds. The entire scene is framed by a white decorative border with rounded corners and small circles at the corners.

PASSO A PASSO
dos caminhos que trilhei

ArtNer
Comunicação

© Copyright 2021 by Editora ArtNer Comunicação

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome do autor, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Editoração
ArtNer Comunicação

Diagramação
Joselito Miranda

Capa
Roseilde Reis

Impressão
Infographics

Fotos
Arquivo pessoal

Revisão
Jânio Vieira e João Victor R. Santos

Foto da capa
Studio Andiracê Filmagem / Estância-SE

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Oliveira, Hélio de Souza.
O48p Passo a passo dos caminhos que trilhei. /Hélio de Souza Oliveira.
- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2021.

144p.:il.
ISBN: 978-65-88562-43-7

1.Literatura Sergipana
3.Narrativa Biográfica
I – Título

2. Trajetória de vida

CDU: 82:929 (813.7) -3

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

Editora ArtNer Comunicação

Tel.: (79) 99131-7653 • editoraartner@gmail.com • artner.com.br

HÉLIO DE SOUZA OLIVEIRA

PASSO A PASSO

dos caminhos que trilhei

Aracaju-SE



2021



Dedicação

Dedico esta obra a meus filhos, genro, nora, netas e os pequenos bisnetos Enrico, Sara e Maia.
Aos meus enteados, seus cônjuges e seus filhos.



Agradeço

A Deus, primeiramente, por ter me direcionado aos lugares certos e principalmente às pessoas do bem.
A minha esposa Salete por me impulsionar a escrever e me apoiar na publicação deste livro.

Ao Dr. Domingos Pascoal, escritor e meu verdadeiro conselheiro, autor da Apresentação deste livro.

Ao amigo e escritor Antônio Saracura por me incentivar à leitura.

Ao historiador Prof. João Paulo pela bondade de prefaciar esta edição.

Ao Prof. Luiz Carlos, presidente da egrégia Academia Dorense de Letras (ADL), por me dar a oportunidade de nela ingressar.



Apresentação

A vida sempre tem me proporcionado belíssimas oportunidades de fazer a diferença, rumo ao bem. Mormente agora, nestes dois últimos lustros, que iniciou com a publicação do meu primeiro livro, o *Experimente mudar* (2008) e o meu ingresso na Academia Sergipana de Letras, em 2009.

Sou muito grato a meu Deus por tudo isso e rogo para que nunca me falte coragem e boa-vontade em seguir e em fazer o meu melhor na busca do servir e construir a felicidade para os outros. Isso porque descobri que o melhor local de encontrar a minha alegria é na alegria alheia, do meu semelhante.

Portanto, não busco e nem quero auferir valores e nem poder com esta ação. Busco apenas significados.

Significados em ter a feliz possibilidade de fazer o que, de fato, faço agora: apresentar a vocês a concretização de um sonho.

Um sonho, que, óbvias razões, nunca fora sonhado. O autor da presente obra nunca se imaginou escritor. Na verdade, não era nem um leitor.

E, não pensou, porque em toda a sua vida exerceu outras atividades que, por natureza e conveniências, o mantinha bem distante do ato de ler e escrever.

Hélio de Souza Oliveira, construtor da presente obra, nasceu em Estância-SE, cedo casou-se, constituiu família, migrou para

a cidade de Volta Redonda, no Rio de Janeiro, ali trabalhou e viveu por 59 anos muito bem e feliz.

Mas, de repente, maio de 2016, uma tragédia aconteceu em sua vida, a sua querida esposa, companheira de 58 anos, inesperadamente, partiu, se hospedou em Deus deixando-o sozinho.

Essa situação o abalou profundamente e, não poderia ser diferente, uma pessoa que em toda a sua vida sempre estava arrodado dos pais, irmãos, parentes, esposa, filhos e mais parentes e, agora estava só.

Imaginemos o choque que é ficar sozinho já no outono da vida. Deve ser muito ruim. Tinha filhos? Sim. Mas, agora, todos já estão nas suas casas, é natural. O casal já morava só os dois, numa casa para 10 pessoas. Esta já era uma situação dolorosa, os cômodos vazios de uma casa para muitos e, agora ermos para sempre. Aquilo os incomodava, mas, um fazia companhia ao outro e a dor era dividida. Agora, não mais.

Ela partiu, ele está só. Diante deste tétrico quadro se isolou, chorou muito, sofreu, ficou depressivo. Nada fazia mais sentido. A irreversibilidade da situação não deixava de martelar com a tristeza e a solidão.

O tempo passava devagar, nada mais de bom acontecia, a monotonia da casa vazia parecia gritar socorro de inutilidade, a agonia toma conta, a rotina se esgarça nas horas arrastadas da solidão, o tempo preguiçoso parece descansar. A cabeça a mil, pensa!

E, foi pensando que compreendeu o mistério das aves que, no ocaso da vida, sempre retornam ao ninho antigo.

Decidiu fazer um passeio, voltar à terra dos seus primeiros passos, a bucólica cidade de Estância em Sergipe Del Rey. Era agosto de 2017, mês do seu aniversário, aproveitou para comemorar seus 80 anos de vida junto aos parentes na sua cidade natal. Foi o melhor que fez.

Na festa de comemoração ao seu aniversário, reencontrou a ativista cultural e escritora Salete Nascimento, de quem ganhou um livro de presente. Mesmo sem ser um bom leitor, fez um esforço, leu e não se arrependeu, até gostou, inclusive. Atribuiu a este exercício de memória a decisão de voltar a Sergipe.

Escritora e cordelista Salete Nascimento que, juntamente o grupo composto por Antônio Saracura e Domingos Pascoal, faziam e fazem ainda, um grande trabalho na disseminação da cultura literária em todo Sergipe.

Ambos viúvos e solitários, os dois na busca de suas completudes de vida, trocaram olhares pidões de conveniências e cumplicidade e, nasceu um amor. Amor autunal, maduro, muito puro e capaz de levá-los novamente ao altar de Deus a trocarem alianças, se casaram.

Ela ganhou um marido apaixonado e ele uma esposa escritora e cordelista que trouxe de quebra aquele grupo de amigos que, juntamente com ela se dividiam em disseminar conhecimento pelas cidades do interior de Sergipe.

Como presente de casamento os amigos da noiva deram a Hélio, o feliz nubente, o voucher de ingresso naquele seletivo grupo de semeadores do bem.

Agora ele passava a ser semente e semeador com o privilégio de participar da semeadura que eles estão fazendo nas escolas, academias, encontros, saraus, palestras, livrarias...

Isso o levou, como semente que era, à busca pelo prazer da leitura tornou-se de imediato, num leitor voraz.

Em curto espaço de tempo já tinha lido muito mais do que em todos os oitenta anos anteriores. Começou por prestigiar a esposa, lendo *Nas asas do vento*, *Vivências sobrenaturais e outros casos*, e vários cordéis e dos amigos, *Os meninos que não queriam ser padres*, de Saracura, *Experimente mudar* e *A mudança começa em você*, de Domingos Pascoal.

Com estas leituras, com a convivência com o grupo e outros(as) professores(as), escutando as motivações transmitidas nas discursões e palestras que assistiu e, assiste ainda, operou nele uma vontade e uma disposição de, também, fazer algo e, aí nasceu esta obra que ora você tem em mãos.

Domingos Pascoal de Melo

*Filósofo, escritor jornalista, ativista e
semeador da literatura de Sergipe*

Prefácio

Hélio de Souza diante de si mesmo

*Quando a falta de esperança
decidir lhe açoitá-lo,
se tudo que for real
for difícil suportar...
É hora do recomeço.
Recomece a SONHAR.*

Bráulio Bessa

A vida humana é feita de começos e recomeços. A difícil tarefa de recomeçar, muita das vezes, impõe o árduo exercício de voltar-se para si, de buscar compreender-se, como na frase clássica inscrita no Oráculo de Delfos, na Antiga Grécia do filósofo Sócrates (469-399 a.C.), “Conhece-te a ti mesmo”. Ela nos traz a necessidade do conhecimento de si como a base do entendimento de nossa “alma”, isto é, do “eu consciente”, da sede de razão, do intelecto e da moral que distinguem o ser humano dos demais seres da natureza.

Partindo desse pressuposto, o pensador grego deu início a uma nova forma de compreensão do mundo centrada no homem e na sua capacidade de cognição e de transformação

da realidade. Homem que era visto, desde Heráclito de Éfeso (540-470 a.C.), como ser em constante mudança. Afinal, “não podemos entrar duas vezes no mesmo rio, pois suas águas se renovam a cada instante. Não tocamos duas vezes no mesmo ser, pois este modifica continuamente sua condição”.

Assim é o sergipano Hélio de Souza Oliveira, estanciano de nascimento, cidadão de Volta Redonda-RJ por mérito, um homem em busca de conhecer-se e reconhecer-se, que, após mais de oito décadas de vida, num reencontro com sua própria história, se vê diante de si mesmo e tenta recompor os fios de sua trajetória na escrita de uma teia de memórias que compõe a obra *Passo a passo dos caminhos que trilhei*. Afinal, como o próprio Hélio revela-nos em seu depoimento intitulado “Seja você também um escritor”, foi diante dos hiatos da vida e suas “saudades doridas de tempos que não voltariam mais” que ele pôde entender “o mistério das aves que retornam ao ninho antigo”.

É aí que o filho da cidade jardim de Sergipe, pouco afeito às lides literárias, distante da prática da leitura e da escrita em seus melhores anos, se permite entrar no jardim de Academus e se embevecer numa embriaguez que tem como causa a redescoberta do livro, a maior de todas as criações humanas. Guiado por Platão (427-347 a.C.), Hélio se vê diante da mais bela flor nascida no jardim do Gado Bravo Norte, em Nossa Senhora das Dores-SE, a poetisa Salete Nascimento, que o entroniza no universo dos livros, das discussões literárias e acadêmicas, que o apresenta a autores que o encantam com seu modo ímpar de tratar a palavra, com o carinho que só os devotos mais fervorosos têm.

Perante essa nova realidade, como um rio em correntezas, o autor, em cada passo dos caminhos trilhados, se redescobre como leitor e, por consequência, como escritor. No (re)encon-

tro com sua história, através da escrita, redescobre na longa jornada do seu existir capítulos que se confundem com a história sergipana e brasileira, com dificuldades, lutas e conquistas. Nos conduz por crenças e mitos em torno da secular Maçonaria; nos leva aos torpedeamentos de navios na costa sergipana e baiana e à presença da terra mãe no maior conflito armado de todos os tempos; nos insere nos quartéis; escancara as portas das empresas nas quais labutou por anos à fio; nos dá licença para entrar em sua casa e conhecer a família que construiu com suor e muito amor; divide conosco as tensões da vividez na terceira idade e as delícias das redescobertas que a vida lhe permitiu experimentar.

Afinal, diante da perda da companheira de quase seis décadas, Hélio de Souza volta às raízes e, não só se posta de frente ao rio Piauitinga, ou senta na ponte velha do Bomfim a contemplá-lo, deixa-se conduzir por suas águas tranquilas de verão a encontrar-se com outras águas, com mares nunca dantes navegados, fincando raízes em novos encontros às margens do rio Aldeia, nos verdejantes campos do Gado Bravo, nas serras que circundam a cidade de Nossa Senhora das Dores, nas caatingas sertanejas consagradas a Nossa Senhora da Glória ou nas praias sergipanas embelezadas por cajueiros e papagaios.

Nesse reencontro com barcos de fogo e casarios centenários da Estância de Nossa Senhora de Guadalupe, a poesia de Salete Nascimento, a escritora que se tornou esposa, amiga e confidente, o conduz nas trilhas de novas jornadas com sabor de recomeço. Esse livro que o leitor tem em mãos é um dos caminhos dessa jornada, desse deixar-se inebriar pelo novo, pelo desafio de compor memórias e produzir uma autobiografia que, mais que um reencontro consigo mesmo, é um exemplo que o autor dá às novas gerações, e também aos “jovens” de idade

mais alongada: o de que sempre há tempo para sonhar, pois a vida é feita de recomeços.

Em tempo, faz-se importante registrar que as lembranças de Hélio de Souza têm dado origem a textos publicados em obras coletivas como a 2ª e a 3ª *Antologias Literárias da Academia Doreense de Letras* e *Antologia de Cartas de Canindé de São Francisco*. Há também o excelente depoimento “Seja você também um escritor”, presente no blog *domingospascoal.com.br*. Mergulhando na seara cultural sergipana, com a mesma disposição com a qual se envolvia em disputas futebolísticas em sua juventude, Hélio compõe o quadro social das Academias Doreense de Letras (ADL) e Líterocultural de Sergipe (ALCS). Deixemo-nos conduzir pelo rio de suas memórias.

Boa leitura!

João Paulo Araújo de Carvalho

*Professor, historiador, membro da ADL, da ABLAC e da ALCS
Nossa Senhora das Dores, 20 de novembro de 2020.*

Sumário

<i>Parte I</i>	<i>19</i>
<i>Parte II</i>	<i>69</i>
<i>Parte III</i>	<i>93</i>
<i>Parte IV</i>	<i>107</i>
<i>Parte final</i>	<i>117</i>
<i>Fotos</i>	<i>129</i>





IMPRESSÕES INFANTIS SOBRE A MAÇONARIA

Vivi momentos de terror morando próximo da Maçonaria Cotinguiba. Ainda criança, eu escutava algumas pessoas falarem que a Loja Maçônica era um local de práticas macabras e bruxaria, por este motivo, tínhamos muito medo daquele prédio misterioso. Ouvíamos histórias estranhas sobre acontecimentos de terror. Lembro que certa vez um conhecido nos aconselhou a colocar um copo de vidro na parede e ficar escutando o que acontecia lá dentro do prédio, localizado na Rua Santo Amaro, 90% residencial, na cidade de Aracaju.

Outra vez, eu e outros meninos vizinhos ficamos do outro lado da rua, bisbilhotando o movimento de quem entrava ou saía da Maçonaria. Foi quando, de repente, saiu um homem com a cabeça enrolada num pano preto, gritando em nossa direção. Nesse dia ficamos apavorados e saímos correndo aos prantos, lembro como gritei desesperadamente por minha querida mãe. Naquela época havia muitas histórias sobre a Maçonaria: uns falavam que os maçons comiam crianças, outros diziam que eles enfiavam uma espada no peito de Cristo.

Acreditávamos em tudo: bicho-papão, lobisomem, mula-sem-cabeça, essas crendices populares alimentavam meu imaginário e contribuía para muitos sonhos de terror. Sendo eu uma criança muito curiosa, aquele prédio bonito e misterioso me encantava. E, na verdade, alimentava minha vontade de entrar ali e descobrir o que faziam lá dentro. Sempre via uns homens meio taciturnos, vestidos de preto, entrando assim que escurecia e não os via sair. Naquele tempo dormia-se às 20h e, pelo visto, eles saíam bem mais tarde.

Na minha infância, no centro de Aracaju, vivíamos também o terror da Segunda Guerra Mundial. Vivenciamos tempos difíceis, uma época obscura para Sergipe e para o mundo. Lembro de que nossos navios foram atacados por torpedos no litoral. Por essa razão, assim que escurecia, as luzes da cidade tinham que ficar apagadas, a fim de evitar outro ataque.

Aproveitando esse clima de medo e escuridão, uma certa noite, a curiosidade falou mais alto e me emprestou coragem para perguntar ao meu pai.

— Pai, o que é uma Loja Maçônica?

— É um lugar onde os maçons se reúnem, meu filho.

— E o que eles fazem nestas reuniões, papai? Ele foi sincero na resposta e disse o pouco que sabia:

— Meu filho, na verdade, nem eu sei. A Maçonaria é uma sociedade secreta, misteriosa, é tudo muito escondido. Às vezes, escutam-se uns barulhos estranhos, parece que está trovejando lá dentro: pessoas falando alto. Mas, quando termina, todos se retiram, silenciosamente, parece que muito felizes, calados ou conversando baixinho, uns com os outros, como se nada tivesse acontecido. É um povo muito enigmático, sabia?

— Uns dizem que se reúnem para fazer bruxaria, outros, porém, afirmam que não, muito pelo contrário, se reúnem ali para fazerem o bem. Inclusive, soube que foram os primeiros a se preocuparem com a educação no Brasil e, aqui em Sergipe, foram os primeiros a fomentarem a alfabetização de adultos. Atualmente, têm várias escolas espalhadas por todo o Estado para ensinar ao povo ler e a escrever.

MINHA FAMÍLIA

Meu pai era estanciano e chamava-se Antônio Affonso de Oliveira. Em 1927 já servia ao Exército como sargento no município de Corumbá-MS. Em 1930, conheceu uma jovem de nome

Castorina Gervásio de Souza. Firmaram namoro e logo casaram, no dia 25 de janeiro de 1932, oficializando a união no Cartório do Segundo Ofício do Registro Civil da cidade de Corumbá-MS. A partir daquele momento ela passou assinar como Castorina de Souza Oliveira.

Dessa mulher, que veio a ser minha querida mãe, nasceram dois filhos em Corumbá. O primeiro, que veio a falecer meses depois do seu nascimento, recebeu o nome Coriolando. O segundo nasceu em 8 de junho de 1931. Esse foi do sexo feminino e recebeu o nome de Alda de Souza Oliveira.

Em 1933, houve a transferência de meus pais de Corumbá para Aracaju, trazendo também minha avó materna, Maria Ignez, minha irmã Alda e a sobrinha de meus pais de nome Deolinda, que foi criada como se fosse uma filha.

Chegando à capital Aracaju no início de 1933, meu pai foi trabalhar no 28º Batalhão de Caçadores, localizado na Praça General Valadão. Nesse mesmo ano, exatamente no dia 29 de outubro, nasceu meu irmão Clóvis de Souza Oliveira.

Em março de 1935, meu pai foi transferido para Salvador, onde prestou serviço no Batalhão do Barbalho. Ali, no dia 9 de setembro, nasceu meu irmão Orlando de Souza Oliveira.

No ano de 1937, meu pai sofreu de uma infecção pulmonar obrigando-o a ficar hospitalizado. Logo após receber alta hospitalar foi licenciado do Exército por seis meses e resolveu, então, regressar para sua terra natal, Estância, cidade que ele sempre amou e que seria ideal para sua recuperação total.

Naquela época, a família ficou hospedada na residência dos meus tios Oliveira e Carmelita, num sítio que era vizinho ao do Dr. Jessé Fontes, localizado no bairro Alagoas, na rua que hoje é conhecida como Rua dos Amarelos.

Segundo minha querida mãe, ela acompanhou meu pai para Estância porque estava gestante, era eu quem estava no seu

ventre. Pela graça de Deus e para minha felicidade e alegria dos familiares, no dia 28 de agosto de 1937, nasci num berço confortável, entre pais, tios, primos, irmãos e avós. Ouvi essa conversa relatada pelos meus pais e, até os dias atuais, isso me dá uma segurança que me deixa feliz. Quando terminou a licença, retornamos todos para Salvador.

A profissão do meu genitor não o deixava muito tempo em um só lugar, era sempre transferido para outras cidades e foi o que ocorreu em 1938, quando voltou a trabalhar no 28º BC, ainda localizado na Praça General Valadão, em Aracaju. No ano seguinte, no dia 20 de julho, nasceu meu saudoso irmão José de Souza Oliveira (Zé Ôroba).

Recordo um fato ocorrido em maio 1941, eu ainda estava com 3 anos e 9 meses de idade, residindo em Aracaju, na Rua Santo Amaro, próximo a Maçonaria Cotinguiba, essa que ainda hoje permanece funcionando no mesmo local. Nunca consegui esquecer que, exatamente no dia 13 de maio desse ano, nascera minha saudosa irmã Maria Isabel de Souza Oliveira.

Uma curiosidade que sempre me chamou atenção foi o fato de meus pais manterem durante o planejamento familiar e a cada dois anos terem a satisfação do nascimento de mais um filho, coincidentemente nos anos de numeração ímpar.

Em 1943, mudamos para a Rua São Cristóvão. Lembro-me bem que era uma subida de areia branca que se iniciava na Rua Capela e seguia atravessando a Avenida Pedro Calazans. Justamente nessa Rua São Cristóvão, no dia 20 de setembro de 1943, nascera minha querida irmã Iracema de Souza Oliveira, que, por conta do seu casamento com meu estimado cunhado João Batista Rodrigues dos Santos, hoje assina: Iracema de Oliveira Rodrigues.